

# UMA LEITURA TRANSFEMINISTA DA MORTE DE PERSONAGENS TRANS COMO DESFECHO CISNORMATIVO EM TRÊS NARRATIVAS BRASILEIRAS CONTEMPORÂNEAS

Virgínea Novack Santos da Rocha\*

**Resumo:** O crescente índice de morte prematura de pessoas trans, tanto por assassinato quanto por suicídio, é um dado alarmante da realidade brasileira. Partindo desse fato, buscou-se analisar e refletir sobre como a morte é um tema recorrente em três narrativas brasileiras contemporâneas que apresentam personagens trans como protagonistas: “Do fundo do poço se vê a lua” (2010), de Joca Reineres Terron, “Sergio Y. vai à América”, de Alexandre Vidal Porto (2012), “As fantasias eletivas” (2014), de Carlos Henrique Schroeder. Para isso, essa reflexão amparou-se nos Estudos Queer (BUTLER, 2016; PRECIADO, 2014; 2018) e no Transfeminismo (VERGUEIRO, 2016; BAGAGLI, 2013) para desconstruir um modelo ontológico cisnormativo bem como perceber os modos como essa ideologia reitera práticas discursivas e sociais de subalternização das personagens/pessoas trans. Assim, foi possível perceber que há nas narrativas analisadas uma reiteração cisnormativa no que diz respeito ao modo como as mortes das personagens trans são apresentadas, desenvolvidas e justificadas.

---

\* Doutoranda e mestra pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) na área de Teoria da Literatura. Graduada em Letras, habilitação Português e literatura, pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), na qual foi bolsista PIBID-UFPel (2012-2013) e PIBIC-CNPQ (2013-2014). Atualmente, desenvolve pesquisa nas áreas de História da literatura, história das mulheres e estudos de feminismo/gênero. E-mail para contato: novack.virginea@gmail.com.

**Palavras-chave:** Personagens trans; Literatura brasileira contemporânea; Teoria Queer; Transfeminismo.

## A TRANSFEMINIST READING OF THE DEATH OF TRANS CHARACTERS AS A CISNORMATIVE OUTCOME IN THREE CONTEMPORARY BRAZILIAN NARRATIVES

**Abstract:** The growing rate of premature death of trans people, both by murder and suicide, is an alarming fact of the Brazilian reality. Based on this fact, we sought to analyze and reflect on how death is a recurrent theme in three contemporary Brazilian narratives that feature trans characters as protagonists: “Do fundo do poço se vê a lua” (2010), by Joca Reineres Terron, “Sergio Y. vai à América”, by Alexandre Vidal Porto (2012) and “As fantasias eletivas” (2014), by Carlos Henrique Schroeder. This research is based on Queer Studies (BUTLER, 2016; PRECIADO, 2014; 2018) and Transfeminism (VERGUEIRO, 2016; BAGAGLI, 2013) and its aim was to deconstruct a cisnormative ontological model as well as to understand the ways in which this ideology reiterates practices discursive and social subalternization of trans characters/people. Thus, it was possible to notice that there is in the analyzed narratives a cisnormative reiteration with regard to how the deaths of trans characters are presented, developed and justified.

**Keywords:** Trans characters; Contemporary Brazilian Literature; Queer Theory; Transfeminism.

### Considerações iniciais

O refrão da música de Killauea, compositora e rapper trans, parece repetir o óbvio: *todo mundo tem direito à vida, todo mundo tem direito igual*. No entanto, como explicar que geralmente a população trans brasileira, por estigmas variados, acaba em péssimas condições não somente de trabalho, mas também de vida? Como explicar que apenas com a publicação do CID-11 pela OMS em 2019 a transexualidade deixa de ser considerada doença? Como explicar que a

expectativa de vida da população trans é de 35 anos? Como explicar que o assassinato de pessoas trans geralmente envolve requintes de crueldade?

Em nossa sociedade fica evidente que o óbvio ainda precisa ser reiterado, sobretudo, quando enunciado a partir das vozes de pessoas que historicamente são silenciadas, excluídas e marginalizadas, como é o caso de Killauea, e de outras cantoras trans como Linn da Quebrada ou Urias. Ou ainda vozes na literatura que nos contam suas próprias histórias, como é o caso de Anderson Herzer em *Queda para o alto* (1982), de João Nery em *Viagem solitária* (atualizado e relançado em 2012), de Amara Moira em *E se eu fosse puta?* (2016), de Amanda Guimarães, em *Meu nome é Amanda* (2016) e de algumas antologias como *Antologia Trans: 30 poetas trans, travestis e não-binários*, vários autores (2017); *Nós, Trans-Escrituragem e Resistência* (2017), vários autores, *Vidas trans: A coragem de existir* (2017), Amara Moira; João W. Nery, Márcia Rocha e T. Brant e *Vozes trans* (2021), de Brenda Bernsau, Jonas Maria, Koda Gabriel e Limão.

Dessa forma, além da música e da literatura e de muitas outras formas de manifestações artísticas, é importante também atentar para a produção intelectual trans, acadêmica ou não, de Jaqueline Gomes de Jesus, Amara Moira, Viviane Vergueiro, Beatriz Bagagli, Letícia Lanz e Letícia Nascimento, dentre tantas outras, que estão refletindo e combatendo um sistema de opressão que assujeita especificamente pessoas trans, ou melhor, assujeita toda a diversidade de pessoas que não se adequam à lógica da cisnormatividade, por meio de um exercício epistemológico e político de criação e reverberação do transfeminismo.

Nesse sentido, o interesse dessa pesquisa foi o de observar como a literatura brasileira contemporânea, quando não exclui os e as autores trans, as imagens cisnormativas, como o de que pessoas trans são pessoas falsas, indecisas, teatrais e manipuladoras e que,

sobretudo, *mentem* o seu gênero. Isso significa propor um olhar não apenas sobre o texto literário, mas sobre o sistema literário como um todo a fim de perceber como essas ideologias cisnormativas reverberam e reiteram tais valores.

Para isso, buscando aprofundar a questão da subalternização na construção de personagens trans, três narrativas publicadas por grandes editoras foram selecionadas, nesse caso de autores homens e cisgêneros: “Do fundo do poço de vê a lua” (2010), de Joca Reineres Terron, “Sergio Y. vai à América”, de Alexandre Vidal Porto (2012), ambos publicados pela editora Companhia das Letras e “As fantasias eletivas” (2014), de Carlos Henrique Schroeder, publicado pela editora Record. As três narrativas<sup>1</sup> apresentam respectivamente as personagens Cleo, Sandra e Copi. Três mulheres trans com experiências completamente diferentes, cada uma relacionando-se de uma forma específica com o seu corpo, cada uma de um local social/econômico diferente, mas as três marcadas pelo estigma de não ser assimilada pelo sistema<sup>2</sup>, uma vez que as três têm o mesmo desfecho narrativo: a morte.

Embora, como dito inicialmente, a expectativa de vida de pessoas trans seja baixa dado o alto índice de assassinatos, condições precárias de trabalho e de vida, falta de atendimento de saúde adequado e mesmo negação cidadã de existência, o que não raro as leva ao suicídio, nos textos aqui analisados não se encontra apenas um dado da

---

<sup>1</sup> A escolha por essas três narrativas se deu principalmente por terem sido publicadas pelos maiores grupos editoriais do país. Cabe notar que as publicações de pessoas trans geralmente é feita fora do sistema editorial hegemônico e muitas vezes como produções coletivas. Dessa forma, há uma primeira exclusão de pessoas trans como autoras de literatura, mas o aspecto analisado nesse trabalho será uma segunda forma de subalternização: a simbólica.

<sup>2</sup> A palavra sistema é grafada com a letra “c” propositalmente para evidenciar o sistema de poder como cisnormativo (cisgênero). Esse trocadilho também será utilizado para se referir ao “cistema literário”.

realidade social, mas sim uma forma de criação de personagem que parte de um dado e o descontextualiza e despolitiza para adequar a narrativa aos ideais cisnormativos.

Nesse sentido, as personagens são desenvolvidas da seguinte forma: Cleo, a primeira personagem analisada aqui, empatiza com seus assassinos, pois assume que eles se sentiriam traído por ela não ter revelado “o seu passado”. Já no caso de Sandra, a morte é retratada como uma aleatoriedade do destino, isto é, sem relevância política quando de fato foi um crime de ódio motivado pelo conservadorismo religioso. Por fim, a morte de Copi, a única personagem que não é assassinada, mas que se suicida, é apresentada como uma forma de teatralização (do fim) da vida, ou seja, a morte como uma espécie de performance. Essa construção da morte da personagem ignora o entorno político que leva muitas mulheres trans ao suicídio ao reforçar a “falsidade” de sua existência. Nesse caso, estabelece-se um paralelo entre uma morte falsa com uma vida/gênero falso.

Interessante notar ainda que essas narrativas contemporâneas analisadas aqui não se configuram como exceção, mas, aparentemente, a regra no que diz respeito ao tema da morte de personagens LGBTQIA+. É o que confirma Carlos Eduardo Albuquerque Fernandes (2016) que em sua tese sobre a representação de personagens travestis ao longo do século XX, sobretudo entre os anos de 1960 e 1980, também no contexto brasileiro<sup>3</sup>, ao identificar que as narrativas analisadas por ele apresentam “desfechos comuns” (FERNANDES, 2016, p.116), referindo-se à morte física ou existencial<sup>4</sup> e que “con-

---

<sup>3</sup> O autor analisa ao longo de sua tese mais de 18 textos com personagens trans\*, dentre eles romances, contos, peças de teatro etc, mas focaliza sua reflexão principalmente nos seguintes: “Uma mulher diferente” (1965), de Cassandra Rios; “O milagre” (1978), de Roberto Freire; “O Travesti” (1980), de Adelaide Carraro e “O fantasma travesti” (1988), de Sylvia Orthof.

<sup>4</sup> Algumas personagens que não têm morte física acabam “destransicionando” e até mesmo assumindo um papel que lhes é esperado dentro da família cisnormativa.

flitos semelhantes assolam essas personagens em textos literários de diferentes períodos” (FERNANDES, 2016, p. 116), revelando um processo de repetição de imagens e construção de estereótipos que não apenas se manifesta na literatura contemporânea, mas que parece vir sendo construído historicamente na literatura brasileira.

Nesse mesmo sentido, focalizando a análise mais na questão da sexualidade do que do (cis)gênero, Adelaide Calhaman Miranda (2008) em *O Mapa da Morte na Literatura Homoerótica Brasileira Contemporânea*, endossa a reflexão afirmando que “as temáticas trágicas, cada qual a seu modo, incorporam a morte simbólica que acontece a todos que ousam desafiar a heteronormatividade.” (MIRANDA, 2008, p.223). A pesquisadora reflete especificamente sobre a questão a partir da lógica da heteronormatividade, o que não é nosso foco aqui<sup>5</sup>, mas, cabe mencioná-la, pois, de certa forma, parece ser o cenário que se mantém na representação de travestis e mulheres trans também na literatura brasileira contemporânea e dele se aproxima, visto que para o senso comum gênero e sexualidade das pessoas trans ainda são confundidos.

Dessa forma, a partir do exposto, essa tendência funesta não apenas reitera uma triste realidade brasileira, mas sim continua a reforçar a cisnormatividade, o que, por sua vez, merece especial atenção dos críticos literários que realmente se interessem pela literatura pelo seu potencial humanizador no acolhimento, efetivo, da diversidade. Portanto, embora a morte de pessoas trans seja um dado estatístico da realidade brasileira, interessa aqui, sobretudo, analisar os procedimentos narrativos em que esse acontecimento está inserido,

---

<sup>5</sup> Assumo que não é o foco aqui não para negar a relação entre gênero e sexualidade, longe disso, mas sim para não assumir que as personagens sejam todas heterossexuais, visto que apenas Cleo tem a sua sexualidade (hetero) apresentada. Sandra e Copi não a manifestam. Embora Copi seja prostituta e estabeleça relações sexuais com homens optou-se aqui por não assumir sua sexualidade a partir de sua profissão.

isto é, os motivos, os efeitos, a percepção e comentários dos amigos e familiares e, por fim, as significações que disso podem ser inferidas.

### **Cis e trans para além da literatura: Algumas contribuições transfeministas**

Antes de prosseguir, no entanto, com a análise literária, cabe aprofundar algumas questões que se inserem dentro do campo de estudos feministas e de gênero sobre sexo, gênero e sexualidade bem como as estruturas que conformam esquemas de opressão com a finalidade de desconstruir noções estereotipadas sobre pessoas trans. Nesse sentido, não é incomum supor que o gênero seja a manifestação cultural do sexo (homem e mulher, masculino e feminino) e que a sexualidade seja igualmente binária: hetero e homossexual. Porém, embora essas tenham sido ideias importantes para um certo contexto, hoje, sobretudo depois das reflexões propostas ao campo por Judith Butler, é possível notar que tais proposições estão calcadas em modelos heterocentrados e cisnormativos.

Nesse caso, Judith Butler logo no início de *Problemas de gênero* (1991) aponta que historicamente o sujeito do feminismo vem sendo presumido como “mulher”, mas que, no entanto, “o próprio sujeito das mulheres não é mais compreendido em termos estáveis ou permanentes” (BUTLER, 2016, p.18). Isso significa dizer que frente à pluralidade de mulheres (negras, brancas, indígenas, LGBTQIA+, etc) e, conseqüente pluralidade de existências, o feminismo precisou repensar a categoria mulher como universal, uma vez que esta quando se pressupunha universal era apenas em verdade a mulher hetero, cis e branca. Como base de seu argumento, então, a filósofa afirma que sexo e gênero, categorias anteriormente separadas, são apenas partes de um mesmo eixo significante. Dessa forma,

[sexo e gênero] são em síntese formas iguais de se referir ao sujeito sexuado, uma vez que a identidade é *performativamente* construída, ou seja, a identidade de gênero é um efeito de práticas discursivas e, portanto, “não há identidade de gênero por trás das expressões do gênero; essa identidade é *performativamente* construída, pelas próprias expressões tidas como seus resultados.” (BUTLER, 2016, p. 56).

Assim, a partir das perspectivas butlerianas, as noções binárias e cisnormativas de gênero (homem/mulher como os gêneros universais) começam a ser questionadas em nome de uma pluralidade de gêneros bem como de sexualidades. Essa percepção possibilita a desnaturalização de estruturas históricas de opressão, uma vez que desconstruir as identidades como binárias tanto no que diz respeito ao sexo/gênero quanto à sexualidade coloca todo o sistema simbólico e de valores da normatização (hetero e cisnormativas) à prova. Isso significa dizer que não há uma verdade do gênero, apenas práticas de gênero social, histórica e linguisticamente construídas.

Nesse sentido, não mais de uma perspectiva ontológica, mas focalizando a questão no sistema de opressão em que todas as identidades estão imersas, é possível identificar que a hetero e a cisnorma são espécies de discursos reguladores de sujeitos plurais, que por conta da opressão precisam enquadrar-se em alguma extremidade dessas estruturas binárias para adquirirem inteligibilidade cultural nessa economia do sexo/gênero - sexualidade. Assim,

[...] a ‘coerência’ ou ‘continuidade’ de ‘pessoa’ não são características lógicas ou analíticas da condição de pessoa, mas, ao contrário, normas de inteligibilidade socialmente instituídas e mantidas. Em sendo a ‘identidade’ assegurada por conceitos estabilizadores de sexo, gênero e sexualidade, a própria noção de ‘pessoa’ se veria questionada pela emergência cultural daqueles seres cujo gênero é ‘incoerente’

ou ‘descontínuo’, os quais parecem ser pessoas, mas não se conformam às normas de gênero da inteligibilidade cultural pelas quais as pessoas são definidas. (BUTLER, 2016, p.43)

Dessa forma, fica evidente que apenas a existência desses corpos, que não fazem parte do sistema de valores sexo/gênero cisnormativo, gera desconforto à norma, uma vez que explicita seu caráter evidentemente naturalizado e certamente não “natural”. Tal percepção propõe duas reações possíveis aos sujeitos adequados à cisnormatividade ao se depararem com a falsidade do sistema (que em última instância é a falsidade do próprio (cis)gênero): a primeira delas diz respeito a uma tomada de consciência em relação às múltiplas e complexas relações que consolidam o sexo/gênero enquanto a segunda reação, infelizmente a mais comum, é a negação da diferença, condenando e violentando aqueles que saem da norma e do sistema de valores pré-estabelecido.

Complementando em certo sentido, e em outro questionando, o pensamento de Butler, Paul B. Preciado parece oferecer uma alternativa interessante aos estudos de gênero ao focar em corpos trans. Se por um lado, o filósofo assume a plasticidade dos corpos trans que reconhecidamente podem passar por cirurgias e/ou transformações, se não corpóreas, sociais, jurídicas etc; por outro, alerta para a também plasticidade dos próprios corpos cis. Isso significa assumir que todos os corpos ao nascer passariam por uma mesa operatória cisnormativa em que a operação do gênero é realizada. O famoso *é menino* ou *é menina* enunciado pelos médicos, por exemplo, pode ser justamente encarado como esse momento de delimitação dos corpos como pertencentes ao sistema cisnormativo. Nesse caso, há apenas a possibilidade binária e cisnormativa de relacionar o genital à identidade. Assim,

As operações mais conhecidas sobre o nome de cirurgia de mudança de sexo e de redistribuição sexual, que são

popularmente estigmatizadas como casos limites ou exceções estranhas, não passam de mesas secundárias nas quais se renegocia o trabalho de corte realizado sobre a primeira mesa de operações abstrata pela qual todos nós passamos. (PRECIADO, 2018, p. 128)

Preciado desenvolve a sua reflexão considerando, sobretudo, o contexto atual de um capitalismo pós-industrial em que as tecnologias de controle da sexualidade e dos corpos, que anteriormente eram exteriores ao corpo, hoje estão completamente internalizadas a partir das investidas de um complexo farmacológico (pílulas anticoncepcionais, Viagra, hormônios, indústrias de cirurgias plásticas, etc) somado a uma hiper exposição pornográfica que produz e reproduz corpos (cis e trans) em escola global. Para ele, então, “o gênero é, antes de tudo, absolutamente prostético, ou seja, não se dá na materialidade dos corpos. É aparentemente construído ao mesmo tempo que inteiramente orgânico.” (PRECIADO, 2014, p. 29), o que complementa com as ideias de que “em termos ontopolíticos, isso se resume a dizer que há apenas tecno gêneros. (PRECIADO, 2018, p. 137), denunciando, mais uma vez, um discurso “naturalizante” dos corpos cis.

Somando-se à ideia, Beatriz Bagagli, a partir da imagem dos ciborgues de Donna Haraway e em claro diálogo com Preciado, propõe que todos os corpos sejam, então, entendidos como corpos pós-operatórios visto que o cisgênero, embora tenha o benefício frente à cisnormatividade, é também construído. Assim, ela afirma que

Trata-se de uma urgente metáfora, enquanto travestis e transexuais são ainda entendidas/os como homens, mulheres e pessoas “falsas”; “enganadoras”; “não-biológicas” etc. em contraposição a pessoas que teriam seus gêneros naturalizados pelo prisma cisgênero. O que o ciborgue faz é justamente questionar a transparência cisgênera, ao interpelar o corpo cisgênero em sua historicidade,

suas tecnologias tão opacas quanto às ditas cirurgias de redesignação sexual. A cirurgia cisgênera também produz seus efeitos no que se refere à inscrição do significante no corpo. O cisgênero também faz seu gênero e para isso utiliza seus instrumentos. Torná-los visíveis – opacos – é tarefa transfeminista em resposta à colonização e exotificação de corpos e identidades transgêneros. (BAGAGLI, 2013, p. 25)

Esse pensamento rompe com a cisnormatividade à medida em que denuncia a plasticidade cis e ao mesmo tempo reitera que em não havendo gêneros *verdadeiros* também não é possível que haja gêneros *falsos*, o que nos leva a concluir que os corpos trans, tanto quanto os corpos cis, são possibilidades existenciais frente à multiplicidade dos gêneros. No entanto, é sobre os corpos trans em que a estrutura específica de opressão é articulada, isto é, a transfobia calcada na cisnormatividade.

Contra essa estrutura, complementa Viviane Vergueiro, enfatizando a necessidade de um movimento político e epistêmico, em que tais questões sejam particularmente consideradas. Assim, a pesquisadora esclarece em que consistiria uma genealogia transfeminista.

Dando particular ênfase à utilização das terminologias ‘cis’ no contexto de gêneros – ‘cisgeneridade’, ‘cisexual’, ‘cisgênera’, ‘cissexismo’, entre outras –, pensar uma genealogia da cisgeneridade e seus correlatos nos auxilia a re+pensar criticamente sobre as inconformidades de corpos e gêneros, apontando para as estratégias de poder envolvidas nas produções das categorias utilizadas para nomear tais inconformidades: travesti, transexual, dois-espíritos, hijra, berdache, eunuco, hermafrodita, etc. Se importantes esforços feministas se debruçam sobre as complexidades e colonialidades envolvidas na produção de discursos sobre conceitos como ‘mulher’, ‘lésbica’, ‘bissexual’, entre outros, uma genealogia transfeminista se coloca fundamentalmente

preocupada com compreender as condições, contextos e consequências (materiais, políticas, existenciais) produtores das ‘anormalidades’, ‘monstruosidades’ e diversidades corporais e de identidades de gênero: travesti não é bagunça, diz-se, e por isso precisamos revisar esse babado todo com a cautela e desconfiança de quem já foi e é criminalizada, ridicularizada, ojerizada, odiada com a brutalidade e o cinismo cissexista em doses cotidianas. (VERGUEIRO, 2015, p. 48)

Assim, a reflexão de Viviane Vergueiro reflete não apenas a base conceitual do transfeminismo, mas explicita também algumas das principais pautas desse pensamento emergente. De acordo com a autora para pensar a questão trans é imprescindível que se perceba o cis, uma vez que ambas as expressões de gênero se consolidam a partir do mesmo mecanismo de poder: o (cis)gênero.

### **O cis e o trans na literatura: A repetição da morte**

Voltando ao tema central dessa reflexão, que é a literatura, caberia perceber o quanto a literatura produzida e que tem circulação no Brasil, reitera a cisnormatividade. Nesse caso, perceber o sistema cisnormativo como uma ferramenta de controle dos corpos (cis e trans) e de subjugação dos corpos trans em relação aos cis, classificando-os como patológicos, errados, falsos, mentirosos. Esse movimento, porém, apenas reitera o discurso cisnormativo, uma vez que, como visto anteriormente, todos os corpos (cis e trans) são em mesma medida verdadeiros e falsos, orgânicos e plásticos, simultaneamente. Nesse sentido, Cleo, Sandra e Copi, respectivamente as personagens de “Do fundo do poço de vê a lua” (2010), “Sergio Y. vai à América” (2012) e “As fantasias eletivas” (2014), embora todas sejam personagens trans, cada uma delas é apresentada e desenvolvida de forma completa-

mente diferente, mas compartilhando o fim precoce de suas vidas. Nesse caso, o que interessa aqui é observar como a cisnormatividade influencia a construção dessas personagens, isto é, tanto suas vidas e suas questões quanto as suas mortes, focalizando, especificamente as causas, justificativas e efeitos desses acontecimentos narrativos.

Para empreender tal análise, então, é necessário, antes de mais nada, compreender a construção de cada uma das personagens. Assim, Cleo, a primeira personagem analisada, é gêmea univitelina de Willian, irmão com o qual se debate ao longo de toda a narrativa, pois ela assume uma espécie de espelho de si masculino. Essa é uma personagem totalmente alienada da sua própria identidade enquanto mulher trans, chegando a considerar outras mulheres trans como “homens vestidos de mulheres”. A personagem, assim, acaba reiterando constantemente na narrativa que seria na verdade uma mulher (cis), que poderia ficar menstruada e até mesmo engravidar. Ela vive em um mundo idealizado, inspirado no contexto hollywoodiano dos anos 60 e, portanto, busca construir para si uma identidade hiper feminina. Sua inspiração é justamente a Cleópatra do filme homônimo de 1963.

Essa visão idealizada da realidade é reforçada ao longo da narrativa diversas vezes, pois mesmo sofrendo variadas formas de violência (pelo menos 3 estupros ao longo da narrativa, sendo que o último leva a sua morte), sempre busca uma justificativa em que essas violências são formas de reconhecimento de sua mulheridade/feminilidade.

Cleo, portanto, é morta, decapitada, mas não sem antes ser estuprada por todos os homens que a cercavam (namorado, colegas de trabalho e Omar, uma pessoa de seu passado). Nesse contexto de estupro coletivo, Cleo encontra a punição por não ter revelado a sua, suposta, “verdadeira identidade” proferida aos gritos pela boca de Omar: “- Isso aí não é mulher, é um homem” (TERRON, 2010,

p. 272), o que, mesmo frente a brutal experiência que vive encontra compreensão nas atitudes do namorado: “Hosni [seu namorado] faz o que qualquer homem faria em sua situação. Sente-se traído. Embora há muito tempo eu tenha deixado de me chamar Wilson, posso compreendê-lo.” (TERRON, 2010, p. 275).

No entanto, talvez o maior destaque envolvendo o assassinato dessa personagem deva ser a reiteração de que a vida de Cleo era irrelevante frente à potência da gravidez, uma impossibilidade, até o momento, para mulheres trans

Hassan cede vez [no estupro coletivo] a Omar e então vejo o sangue escorrer em profusão entre as minhas pernas até molhar os tornozelos e a sandália direita de salto quebrado enterrado na areia. Ao ver o sangue, desconfio de que enfim estou menstruando e que agora só falta a sorte inesperada de uma gravidez. Só pode ser mais um milagre. (TERRON, 2010, p. 276-277)

Comparar o sangue, fruto da violência sofrida por Cleo, com o sangue menstrual e a possibilidade gestacional, pela narração da própria personagem é uma evidente caracterização estereotipada de uma personagem que, supostamente, ficcionaliza sua existência (“a verdade” de seu gênero) a ponto de perder-se de si ao sonhar com uma transformação corporal que a inseriria finalmente na cisnormatividade, ignorando a violência que sofre em nome do “milagre” da maternidade.

Sandra é de uma classe social completamente diferente da de Cleo, uma vez que pertence a uma importante família de empresários de São Paulo, mas chama a atenção uma série de outras similaridades entre as duas: o nascimento compartilhado com um irmão gêmeo, que no caso de Sandra falece logo após o nascimento, a infância de omissão da própria identidade, a necessidade de viver a juventude/ começo da vida adulta longe de sua família e, certamente também, a morte prematura por assassinato.

A história de Sandra, ao contrário da de Cleo, é narrada por seu psicólogo, que tenta compreender como (não) identificou a transexualidade de Sandra. Nesse caso, é a instituição médica que tenta atribuir sentido para a vida de Sandra, que embora se proponha a desconstruir preconceitos, acaba reiterando-os diversas vezes ao longo da narrativa, como, por exemplo, ao sugerir, que ela tivera alguns benefícios por ser trans (como o de morar fora do país, ser aceita pelos colegas no curso que foi fazer e ter amizades). No entanto, em verdade, tais benefícios apenas dizem respeito a sua condição de classe e não de gênero. Inclusive porque é o fato de ser trans que a leva a ser assassinada por, Laurie Clay, sua amiga que a princípio achava “super-cool” (PORTO, 2014, p. 163) ter uma amiga trans.

No entanto, em meio a alucinações, afirma que podia ouvir a voz de Deus mandando-a empurrar Sandra pela janela, o que, por sua vez, se relaciona com o discurso do pai, religioso, sobre a transexualidade: “Meu pai não gostava que eu fosse amiga de Sandra porque ela era transexual. Quando me visitava, tinha até dificuldade de cumprimentá-la. Dizia que a transexualidade era ‘um artifício do demônio’.” (PORTO, 2014, p. 165), sendo que, por fim, ela afirma “Isso deve ter ficado no meu inconsciente.” (PORTO, 2014, p. 165).

Nesse sentido, Laurie Clay é apresentada como uma ferramenta do discurso hegemônico, nesse caso também religioso, isto é, ela é apenas o meio pelo qual a sociedade necessita restabelecer a ordem cissexual. A assassina de Sandra é, portanto, uma materialização do discurso cisnormativo, mas que narrativamente é apenas apresentada como alguém que aleatoriamente e sem qualquer intenção consciente assassina a personagem trans.

Por fim, Copi é a que vive a situação mais precária, pois perde o vínculo com a família e acaba mudando-se da Argentina para o Brasil onde vive em condição de trabalhadora sexual, embora fique evidente que tenha tido uma carreira jornalística de prestígio an-

teriormente na Argentina. Essa personagem também se afasta das demais personagens analisadas uma vez que não é assassinada, mas suicida-se. Assim, quem relata o acontecimento é seu amigo Renê, com o qual estabelece uma relação complexa.

Copi, além da exclusão simbólica a que é submetida em vida, tem a cena de sua morte analisada como uma espécie de teatralização da própria morte: “Parecia que Copi havia brincado de Pollock ali na lixeira, dava para perceber alguns movimentos contínuos e circulares que ela fez para alcançar aquele efeito.” (SCHROEDER, 2016, p. 53). Esse comentário relacionado com as reiterações a respeito de uma obra poética que enfatiza as “coisas tristes ou incompreensíveis [que escrevia], sobre morte, sexo, gente que sofre, os rancores do mundo” (SCHROEDER, 2016, p. 104), referindo-se, talvez, a si mesma como “Sou só um traveco contador de pequenas histórias sem sentido.” (SCHROEDER, 2016, p. 104).

Portanto, partindo de uma perspectiva comparatista, caberia o questionamento em relação à necessidade desse tipo de morte, uma morte exposta e violenta, que, por um lado, por ser vista como um último grito de uma pessoa violentada constantemente pela sociedade (suicídio), mas, por outro lado, também pode ser vista como uma cerimônia de atuação, talvez, inclusive, de criação estética. Tudo na cena parece calculado: a opção de cortar os pulsos e ter uma morte lenta, os textos no lixo, seu próprio sangue gotejado sobre os textos, as malas e as instruções. A dor da pessoa é substituída pela atuação na cena, pela falsidade dado o encadeamento narrativo, nesse caso, da própria construção da cena. Sendo assim, o suicídio, uma realidade muito presente entre as pessoas trans e que carece que profundas reflexões, acaba, no entanto, dando lugar ao estereótipo, isto é, aquilo que, a partir de uma perspectiva cisnormativa, é não-verdadeiro, falso, simulado: Copi teria tido não apenas uma vida “de mentira”, mas igualmente uma morte.

Ao comparar as três mortes o que fica evidente não é apenas o fato de a morte ser uma constante tanto na realidade quanto na ficcionalização de pessoas trans<sup>6</sup>, o que de forma direta com o efetivo assassinato ou com os não incomuns suicídios de muitas pessoas trans ou simbolicamente no caso das manifestações literárias, mas sim, que em ambos os casos, há uma corroboração da cisnorma ao colocar as pessoas trans como alienadas, sonhando com a cisnormatividade no caso de Cleo, vítimas aleatórias no caso de Sandra ou mesmo no caso de Copi uma farsante tanto em vida quanto na morte.

### **Considerações finais**

Vemos hoje, muito mais do que víamos há 30 anos, pessoas trans ocupando espaços acadêmicos, políticos e artísticos. Pessoas trans contando suas histórias, tão pouco ouvidas historicamente, e teorizando sobre isso. Acompanhamos em tempo real a emergência do transfeminismo brasileiro. Porém, a sociedade cisnormativa insiste ainda muito fortemente em ignorar tais conquistas e insiste em reproduzir valores arcaicos frutos do senso comum.

Nesse sentido, a reflexão que se propôs aqui não foi a de eleger determinados sujeitos como aqueles que estão proibidos de construir personagens diversos com identidades plurais tanto no que diz respeito gênero quanto a sexualidade, mas sim que a sociedade cisgênera saiba realmente compreender as complexidades de grupo social historicamente inferiorizado, marginalizado, excluído e não raro morto pela livre manifestação de sua identidade. Em última instância, o que se pretendeu aqui foi apresentar uma leitura possível da questão da morte na literatura por uma perspectiva transfeminista,

---

<sup>6</sup> Interessante notar que em duas das narrativas as personagens já iniciam mortas. São os casos de Cleo e Sandra.

para que se perceba que viver e morrer tem significações diferentes para grupos diferentes de pessoas e que há, sobretudo, mais do que nunca, a necessidade ética de uma escrita que considere as diferenças.

Esse, em geral, não é o caso das narrativas aqui analisadas. No sentido oposto, o que foi possível encontrar nessas três narrativas foi a reiteração de estereótipos históricos impostos às pessoas trans e que são impostos também às personagens trans. Dessa forma, é urgente a necessidade de uma crítica literária que proponha ferramentas de análise não apenas sobre personagens trans, mas sobre a cisliteratura como uma faceta da cisnormatividade que adentra o campo literário e mais uma vez invisibiliza vozes, relatos, experiências e criações que realmente deveriam estar sendo ouvidas.

Assim, em conclusão, se em 2020, durante a pandemia do COVID-19, as mortes de pessoas trans não apenas persistem, mas aumentam em 41% de acordo com relatório<sup>7</sup> da ANTRA – Associação Nacional de Travestis e Transexuais, **é evidente que rastrear as variadas formas de violência** contra a população trans se mostra extremamente necessário. Esse foi o exercício realizado aqui: buscar compreender como o (s/c)istema literário tem incorporado a questão trans, sobretudo no que se refere às mortes, reverberando valores cisnormativos e corroborando a histórica inferiorização dessa parcela da população bem como o próprio discurso que leva à efetiva morte, não apenas de personagens, mas de pessoas trans todo o ano no Brasil.

## Referências

BAGAGLI, Beatriz Pagliarini. Máquinas discursivas, Ciborgues e Transfeminismo. *Revista GÊNERO*, Niterói, v. 14, n. 1, 2013.

---

<sup>7</sup> Os detalhes desse relatório podem ser encontrados em: <<https://antrabrasil.org/assassinatos/>>

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

FERNANDES, Carlos Eduardo Albuquerque. *Um percurso pelas configurações do corpo de personagens travestis em narrativas brasileiras do século XX: 1960-1980*. 2016. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

LANZ, Leticia. Ser uma pessoa transgênera é ser um não-ser. *Periódicus*, Salvador, n. 5, v. 1, maio/out. 2016.

MIRANDA, Adriana Calhman de. O mapa da morte na literatura homoerótica brasileira contemporânea. In: MIRANDA, A. C. de [et all]. *Protocolos críticos*. São Paulo: iluminuras: Itau cultural, 2008.

NASCIMENTO, Leticia Carolina Pereira do. *Transfmeinismo*. São Paulo: Jandaíra, 2021.

PORTO, Alexandre Vidal. *Sergio Y vai à América*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

PRECIADO, Beatriz<sup>8</sup>. *Manifesto Contrassexual*. São Paulo: n-1 edições, 2014.

PRECIADO, B. Paul. *Testo Junkie: Sexo, drogas e biopolítica na Era da farmacopornografia*. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2018.

SCHROEDER, Carlos Henrique. *As fantasias eletivas*. Rio de Janeiro: Record, 2016.

TERRON, Joca Reiners. *Do fundo do poço se vê a lua*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

VERGUEIRO, Viviane. *Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade*. 2016. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Salvador, 2016.

---

<sup>8</sup> Referencio dessa forma para que o leitor possa encontrar o texto original do qual partem as citações que encontrou ao longo dessa reflexão. No entanto, alerta que em nova edição de 2017 da mesma editora (Editora n1) em que o nome do autor está devidamente retificado: Paul. B. Preciado.